

UNIVERSIDADE EVANGÉLICA DE GOIÁS - UniEVANGÉLICA  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

JOHN PAULO PIRES DE CASTRO

**O CASO MONARK: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE NAZISMO E  
SOCIALISMO, ENQUANTO FENÔMENOS INTERNACIONAIS EXTREMOS**

ANÁPOLIS - GO  
2022

# **O CASO MONARK: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE NAZISMO E SOCIALISMO, ENQUANTO FENÔMENOS INTERNACIONAIS EXTREMOS**

JOHN PAULO PIRES DE CASTRO

**RESUMO:** O presente trabalho tem como finalidade expor o caso Monark, acusado de fazer apologia ao nazismo em seu podcast, ele foi julgado pela sociedade e sofreu com represálias de milhares de pessoas. Pretende-se identificar as causas que levam essas pessoas a acreditarem que todo e qualquer discurso pode ser considerado discurso de ódio, até onde vai a liberdade de expressão, e também as diferenças e semelhanças históricas e filosóficas existentes entre nazismo e socialismo, além de uma constatação sobre a importância das massas para o desenvolvimento desses totalitarismos. Notou-se que diversos grupos podem se aproveitar de situações isoladas como essa a fim de promover suas ideologias, revelando que, quase sempre o problema não está no que se fala ou como se fala, e sim em quem fala. Esses grupos escolhem alguém como alvo, e uma vez escolhido, este alguém sofrerá com toda a sua fúria, ainda que aquilo que tenha sido dito, não passe de uma má escolha de palavras, muitas vezes fora de momento e proferida por alguém sem muita instrução ou noção de uma realidade histórica, não importa. Ao ser eleito como alvo, caso não se renda e não reze a cartilha ideológica proposta por eles, será visto como inimigo da sociedade, não importando o que se faça, quantas vezes se peça desculpas ou diga que errou.

**PALAVRAS-CHAVE:** Monark; Nazismo, Socialismo; Totalitarismo; Discurso de ódio.

**ABSTRACT:** The present work aims to expose the Monark case, accused of making apology for Nazism in his podcast, he was judged by society and suffered from reprisals from thousands of people. It is intended to identify the causes that lead these people to believe that any and all speech can be considered hate speech, as far as freedom of expression goes, and also the historical and philosophical differences between Nazism and Socialism, in addition to a verification of the importance of the masses for the development of these totalitarianisms. It was noted that different groups can take advantage of isolated situations like this in order to promote their ideologies revealing that, almost always, the problem is not in what is said or how it is said, but in who speaks it. These groups choose someone as a target, and, once chosen, that person will suffer with all their fury, even if what has been said is nothing more

than a bad choice of words, often out of time and uttered by someone without much instruction or notion of a historical reality, it does not matter. When elected as a target, if the person do not surrender and do not follow the ideological guideline proposed by them, they will be seen as an enemy of society, no matter what they do, how many times they apologize or say they were wrong.

**KEYWORDS:** Monark; Nazism; Socialism; Totalitarianism; Hate speech.

ANÁPOLIS - GO  
2022

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade mostrar como algumas falas em momentos inoportunos podem ser mal interpretadas e causar todo um caos na carreira e vida pessoal de uma pessoa. O exemplo a ser citado aqui será o do Youtuber e Podcaster Bruno Aiub, o Monark, que em fevereiro de 2022 tomou as capas de todos os jornais depois de algumas infelizes falas em relação ao Nacional Socialismo praticado pelo austríaco Adolf Hitler na Alemanha durante as décadas de 30 e 40.

A metodologia abordada foi a revisão bibliográfica através do método indutivo. O trabalho foi dividido em quatro tópicos a fim de tratar de questões pontuais na sociedade atual, como, por exemplo: até onde vai o conceito de “liberdade de expressão” e onde isso passa a se tornar “discurso de ódio”? E como a fala de Monark gerou uma repercussão tão grande a ponto de quase destruir a carreira dele?

Logo no primeiro tópico explica-se a raiz de todo o problema, ou seja, o que Monark falou, quando falou, sob quais circunstâncias, e como isso foi recepcionado pela sociedade em geral, em especial por judeus e alemães. A forma como as pessoas agiram (sem nem se importarem em entender o contexto por detrás do que foi dito) diante do ocorrido diz muito sobre a tolerância com opiniões adversas nos dias atuais.

Pressupõe-se e afirma-se que a fala foi totalmente inoportuna e gerou um mal estar coletivo, no entanto, poucos foram atrás para ouvir o discurso completo, o porquê de aquilo ser dito como foi dito, e é nesse momento que surge o tópico inicial do presente trabalho a fim de trazer à tona os elementos que buscam em essência compreender o que Monark expressou naquela noite.

Em seguida, no segundo tópico, enxerga-se uma comparação entre os modelos de regimes totalitários existentes durante a Segunda Guerra Mundial: nazismo e socialismo. Essa comparação foi feita e é de vital importância, pois o discurso de Monark foi baseado em uma ideia corrompida e deturpada de liberdade que apenas um desses regimes possui diante da sociedade.

Movido pela aparente injustiça onde apenas a esquerda defensora do socialismo e do comunismo têm um espaço para fala sem sofrer represálias, Monark achou que seria uma boa ideia defender a criação de um partido nazista no Brasil, e é nesse momento que os problemas começam, pois não há formas de corrigir uma injustiça criando mais injustiças, algo que o Youtuber, naquele momento, não foi capaz de compreender.

Já no terceiro tópico, aborda-se o fundamental papel das massas para o surgimento de políticas totalitárias no século XX. As massas foram a razão de tanto o nazismo quanto o socialismo terem sido implementados durante aquela época, e é de suma importância a compreensão desses elementos para as relações internacionais atuais, e sobre como isso influencia na sociedade atual, sobretudo quando uma figura pública e que goza de grande prestígio entre jovens profere uma fala que reflete em jornais do mundo todo.

Compreende-se aqui o conceito de “massa” e as razões fundamentais, filosóficas e práticas que fazem com que indivíduos em seus mais diversos grupos passem a apoiar ideias e políticas totalitárias, muitas vezes sem terem total dimensão do que acontece nos bastidores. Fundamentado no livro mais famoso e aclamado da filósofa judia Hannah Arendt: “Origens do Totalitarismo”, este tópico explicita a importância da compreensão daquilo que tornou verdadeiramente os totalitarismos possíveis durante o século XX: as massas.

Por fim, no quarto e último tópico, aborda-se as semelhanças e as diferenças entre o nazismo e o socialismo, algo polêmico e fruto de grandes debates entre filósofos e historiadores desde meados da década de 1940. O intuito, claramente não é criar um ar de competição entre os regimes, pois ambos são igualmente detestáveis e nada de bom trouxeram para a humanidade, em lugar nenhum onde foram “testados”.

A ideia então é identificar pontos em comum entre eles, por mais que muitos insistam em dizer que não há, a realidade vai muito além de um desejo de determinados grupos. Percebe-se neste tópico as diferenças, tanto históricas, quanto filosóficas e estruturais, mas também as semelhanças, a fim de constatar que atacar um para defender o outro não é uma boa ideia, visto que ambos deixaram profundas marcas em nossa sociedade, marcas essas que são visíveis até hoje.

Compreende-se então por esse tópico a necessidade de explicitar o quão parecidos são nazismo e socialismo, por mais que muitos tentem colocá-los em esferas totalmente opostas, a priori, isto ocorre, visto que um encontra-se na direita hegeliana, ao passo que o outro encontra-se na esquerda hegeliana. No entanto, o que muitos esquecem é do quão similares eles são em suas essências, seja no modo como lida com as massas, com opositores ou com indivíduos ou grupos em que o partido ou líder julgue-os como uma ameaça em potencial ao bom andamento de seus planos.

## **2. O (IN) FELIZ DISCURSO DE MONARK E A INTERPRETAÇÃO PELA SOCIEDADE**

Na segunda-feira, dia 07/02/2022, o Brasil foi surpreendido com a fala do YouTuber Bruno Monteiro Aiub, popularmente conhecido como Monark. Ele é um dos sócios fundadores e host de um dos maiores podcasts do Brasil, o Flow, mas acabou sendo desligado da própria empresa depois dos comentários que repercutiram na sociedade brasileira e internacional.

Na entrevista em questão, estavam participando como convidados os deputados federais Kim Katagiri (PODEMOS-SP) e Tabata Amaral (PSB-SP). Em um determinado momento do programa, Monark, já embriagado afirma que a esquerda radical tinha muito mais espaço de fala do que a direita radical, e em virtude disso, achava plausível a criação de um partido nazista no Brasil reconhecido pela lei (CORREIO BRAZILIENSE, 2022).

Complementando a já infeliz fala, Monark ainda ressaltou que achava justo que as pessoas pudessem ser antisemitas se assim desejarem, afinal, segundo ele, todos têm o direito de ser idiotas, e reafirma sua tese dizendo que em sua opinião, tudo deveria ser liberado, inclusive ideais e políticas que ferem o direito de existência de outrem.

A fala, obviamente, assim que expressada gerou uma enorme repercussão nas redes sociais e mídias em geral, culminando em um cancelamento quase que unânime à pessoa de Monark. Entendendo que a forma como disse tal coisa foi errônea, Monark gravou um pedido de desculpas e publicou algumas horas depois do ocorrido, o que, para muitos, não significava nada, sendo ainda necessário o linchamento virtual do YouTuber (G1, 2022).

Após ter seu nome desligado do Flow e tendo sua parte da empresa sendo comprada por seu ex-sócio Igor Coelho, Monark decidiu que faria seu próprio podcast solo. No entanto, teve sua tentativa frustrada na semana seguinte ao receber um e-mail do YouTube proibindo-o de criar um novo canal ou de monetizar qualquer vídeo que seja. Ele pediu a ajuda de seus seguidores alegando não ser justo essas retaliações, reafirmando mais uma vez que errou na forma como se posicionou naquele episódio (TECMUNDO, 2022).

A fala de Monark repercutiu também no cenário internacional, colocando o Brasil sob olhares de Alemanha e Israel. A CONIB (Confederação Israelita do Brasil) e a Federação Israelita de São Paulo lamentaram o ocorrido classificando como inaceitável as palavras do Youtuber, tal como a embaixada da Alemanha no Brasil que emitiu um comunicado dizendo que defender o nazismo não é liberdade de expressão, e que quem o faz, desrespeita a memória das vítimas e dos sobreviventes (EXAME, 2022).

Monark seguiu ironizando a situação após postar uma foto deitado em uma rede no Instagram com a legenda: “curtindo minhas férias forçadas de cancelamento”. Nos comentários era possível enxergar uma interessante dualidade: de um lado pessoas rindo e

achando a situação pela qual Monark estava passando algo justo e necessário, e do outro, pessoas se solidarizando, dizendo que o cancelamento que o Youtuber estava recebendo era exagerado e injusto.

Apesar da dualidade, entender a gravidade do discurso de Monark é muito mais importante do que tentar dar ou tirar a razão das pessoas agirem como elas agiram. Haverá controvérsias em todos os pontos quando se trata de uma situação delicada como essa. Há pessoas que acharão um exagero e há pessoas que não descansarão enquanto não virem o Youtuber preso e respondendo judicialmente por suas falas.

O nazismo traz consigo uma carga histórica muito grande, e essa carga se torna ainda mais pesada quando colocada sob os ombros de alguém que claramente desconhece o passado. Monark não é um criminoso, um nazista enrustido que se revelou depois de beber demais em um programa ao vivo. Ele é só um rapaz que indiscutivelmente não compreende a dimensão do que falou e do que defendeu.

Ao aprofundar-se na história de todas as barbáries cometidas pela Alemanha Nazista na década e 30 e 40, se torna impossível não fazer uma ligação direta com o povo que mais sofreu com tudo isso. Antissemita declarado, Hitler perseguiu e matou mais de 6 milhões de judeus durante todo o período do conflito. Não só judeus, como ciganos, negros, homossexuais e comunistas (EVANS, 2016). Todos esses grupos se sentiriam incomodados com um discurso de um cidadão que defende o direito de existir de algo que defende a extinção em massa desses mesmos grupos.

Os judeus por terem sofrido majoritariamente com a Segunda Grande Guerra, acabam sendo os alvos diretos de um comentário como esse de Monark, pois até hoje há muitas famílias de judeus espalhadas pelo mundo porque tiveram que se deslocar da Europa naquela época em busca de sobrevivência. É quase como um insulto para um neto ou bisneto de judeu ouvir comentários desse nível. De fato, traz uma sensação de incapacidade de compreensão histórica por parte de Monark, o que, não por coincidência, o mesmo deixou claro em seu pedido de desculpas.

Em um outro episódio do Flow, ele mesmo admite ter apenas o ensino médio, sem nunca ter terminado um ensino superior, Monark diz que fez supletivo apenas para pegar o diploma. Reconhecer a ignorância é uma atitude louvável. Entender que seus posicionamentos foram incoerentes e feriram uma comunidade inteira o transforma em uma pessoa que passa a olhar sob a ótica do outro, que sabe que a dor que não o fere, pode ferir outros.

Monark não se sentiu errado em defender aquilo que acredita, embora os cancelamentos e o seu desligamento de sua própria empresa provavelmente deve tê-lo feito

pensar um pouco a respeito do ocorrido. Ficou claro no episódio do Flow em questão que a crítica de Monark se dava ao fato do socialismo/comunismo no Brasil ter um espaço de fala muito grande, muitas vezes sendo defendido como modelo ideal de democracia.

É sabido que a ideia que a esquerda tem como modelo de governo passa longe de ser democrática e coerente, e levando isso em conta, com um senso torto de “justiça”, Monark deve ter imaginado que seria plausível a criação de um partido nazista no Brasil, assim como temos partidos com vieses socialistas e comunistas, inclusive com a foice e o martelo em suas bandeiras.

Mais importante que buscar “justiça” nesse caso, é compreender que a existência de um absurdo não torna justificável a criação de outros absurdos. No Brasil, há diversos partidos com um viés claro socialista, uma ideologia política que disseminou fome e miséria em todas as partes do mundo, mas isso não é motivo para que alguém bata no peito e defenda a criação de um partido nazista que só serviria para dar voz aos que hoje não podem falar por medo de represálias.

Uma forma coerente de se expressar teria sido cogitar a possibilidade de darem ao socialismo e ao comunismo, o mesmo tratamento que dão ao nazismo. Se Monark tivesse defendido a extinção de partidos que promovem ideologias totalitárias ao invés de sugerir a criação de um outro, ele teria sido aclamado, exceto, claro, pela parte socialista/comunista dos brasileiros que acham justa e igualitária as suas convicções políticas, ainda que essas só tenham trazido desgraças para a sociedade desde sua implementação no século XX.

No entanto, Monark escolheu um caminho obscuro. Essa ideia de que “tudo é possível, tudo pode ser dito e ponto final”, é uma ideia tola defendida por pessoas que não compreendem ainda como o mundo funciona. Há justiças e injustiças, e sempre haverá de ser assim. De fato, não é justo que apenas um lado da história possua liberdade para se expressar, mas quando há uma identificação de que essa liberdade de expressão tem como finalidade o extermínio de determinadas raças, o que está em pauta não é mais o conceito de “justiça”, mas sim, o de humanidade.

No entanto, o socialismo e o comunismo não podem ser justificados como medidas ideais de governo, uma vez que matam seus opositores, restringem a liberdade seu povo e estimulam a riqueza de seu líder, ao passo que a população vai se tornando cada vez mais pobre em razão do modelo econômico que adotam. Em suma, nenhuma ideologia totalitária deveria ter espaço para ser dissuadida. A infeliz fala de Monark mostra apenas que “pau que bate em Chico, nem sempre bate em Francisco”.



### 3. O NAZISMO E O SOCIALISMO ENQUANTO POLÍTICAS TOTALITÁRIAS

Quando surge o tema nazismo, entende-se que a causa histórica que o tornou possível foi a Primeira Grande Guerra, que ao seu fim colocou um povo altamente sofisticado para a época em uma condição vexatória. Esta condição foi imposta através do Tratado de Versalhes, no entanto, as raízes históricas deste movimento começaram bem antes do Primeiro Grande Conflito.

A questão do antissemitismo e da superioridade étnica vieram de ideias de Nietzsche, Langbehn, Darwin, Treitschke e outros, só que, com distorções, ou seja, as pessoas que enraizaram as primeiras ideias nazistas da época, usavam das ideias originais desses autores citados, vulgarizando-as no processo e tirando-as de contexto, a ponto de torná-las irreconhecíveis (EVANS, 2016).

Com ideias extremistas sendo consideradas na Alemanha da época, o Tratado de Versalhes veio como uma mola propulsora para que boa parte da população, não concordando com os exageros dos termos do Tratado, viessem a se revoltar. Resumidamente, o Tratado de Versalhes colocava sobre a Alemanha e seu povo, todo o peso do desastre da Primeira Guerra Mundial.

Basicamente, tomaram da Alemanha boa parte de seus territórios, tendo ainda que devolver todas as suas colônias, e deixando-os impossibilitados de anexarem a Áustria, tornando a unificação dos territórios e seus povos, inviável. Além disso, a Alemanha não podia mais realizar recrutamento militar, ter um exército maior que 100.000 soldados e nem força aérea, marinha e terrestre. No entanto, o que mais pesou foi a indenização cobrada pelos países vencedores do conflito: uma quantia de Marcos Alemães em ouro a ser paga em um longínquo futuro. De fato, era muito injusto, o que acabou tornando possível a ascensão de um líder que buscava restaurar a hegemonia alemã (EVANS, 2016).

Adolf Hitler falava o que o humilhado povo alemão queria ouvir. Dono de uma invejável oratória, não foi para ele um grande desafio convencer aquele já fragilizado povo que ele era a esperança a qual todos deveriam se agarrar. Forjando ideias deturpadas de Nietzsche e Darwin, a base teórica nazista se encontra em sua totalidade no conceito da direita hegeliana que acabou gerando o nazismo (MISES, 2017).

Além dessas bases, o nazismo também bebeu em fontes fascistas, ao passo que podemos dizer que o nazismo alemão é fascista, mas o fascismo italiano não é nazista. Amigo pessoal de Mussolini, Hitler se inspirou no Duce para efetivar seus conceitos de Estado forte

assim que assumiu o poder em 1933, levando a Alemanha para um totalitarismo de extrema-direita, e em seguida arrastando o mundo para uma nova Guerra Mundial.

O socialismo originou-se de maneira diferente. O primeiro filósofo a discorrer sobre socialização de bens foi Platão em sua obra “A República”. Ele achava que o extremo da pobreza e o extremo da riqueza era contra o espírito da educação. Quem era muito rico não precisaria estudar e quem era muito pobre não conseguiria estudar, além de defender uma sociedade baseada em valores morais conservadores e em uma distribuição igualitária de terras e riquezas, mas não necessariamente passando por decisões democráticas (PLATÃO, 2017).

O socialismo científico no século XX é consequência da Revolução Industrial. Tem base crítica na economia liberal e uma base filosófica oriunda da dialética hegeliana e do materialismo de Ludwig Feuerbach. O socialismo de Karl Marx e Friedrich Engels, dito socialismo científico, é uma reação crítica ao tipo de produção econômica surgida com a Revolução Industrial. Ele não é produzido por uma dedução filosófica, e sim diante de um contexto econômico que ocorria na época (MARX; ENGELS, 2014).

A implantação do socialismo soviético ocorre não necessariamente por aquilo que Karl Marx e Engels previram (a revolução do proletariado), mas por via de uma ação revolucionária política. Para Marx, a Inglaterra deveria ser o primeiro país a adotar o modelo socialista, pois este, - pelo menos na Europa -, era o único capaz de o fazê-lo por meios pacíficos. Depois viriam outros países, onde, claro, o proletariado estaria mais organizado, tornando assim possível a revolução (MARX, 2011).

Sendo assim, bebendo de fontes darwinistas, tudo o que importa é a permanência, além de, claro, a hierarquia de dominância. Essa hierarquia não é o capitalismo e nem o comunismo, e sim um aspecto quase eterno do ambiente. E é exatamente disso que o totalitarismo trata. O totalitário nega a necessidade do indivíduo de assumir a responsabilidade máxima pelo Ser. Eles acham que todos os problemas desaparecerão para sempre, assim que o sistema perfeito for implantado e aceito (PETERSON, 2018).

É possível então identificar essas duas formas totalitárias de governo como regimes que restringiam a liberdade individual de seus povos, abominava o conceito de propriedade privada, era anticapitalista, e sobretudo, cultuavam uma figura com um viés messiânico, muitas vezes sendo apontado como um salvador, redentor daquela pátria, o líder carismático ao qual Max Weber (1991) tanto falava.

Hannah Arendt (2012) classifica o totalitarismo como a fusão de dois elementos: medo e terror. Para a autora, um Estado totalitário tem as marcas da coletividade em um único

corpo. É como se a população fosse moldada aos desejos de seu líder e não tivesse mais o direito de escolha sobre quem ser, o que fazer e quando fazer. Conseguimos identificar isso claramente, tanto na Alemanha Nazista quanto na União Soviética socialista.

Outra característica bastante marcante que encontramos nesses dois regimes totalitários e que a própria Hannah Arendt (2012) destaca é a presença fortíssima da propaganda em prol do líder, e, como se já não bastasse, havia ainda a necessidade de se fazer aquela ideologia presente, identificando assim todos aqueles que fossem considerados “inimigos do Estado” e punindo-os, seja com a morte, ou em locais de trabalho forçado. Esses locais eram conhecidos no regime nazista como “campos de concentração” e no regime socialista soviético como “gulags”.

Os campos de concentração nazistas estavam espalhados por toda a Alemanha e seus domínios territoriais durante o Terceiro Reich, sendo o mais famoso deles localizado na Polônia, conhecido como Auschwitz, onde ocorreu o maior massacre de judeus da história, seja por câmara de gás, fuzilamento ou trabalho forçado até a exaustão e a morte posterior. Já os gulags, estavam por toda a União Soviética, sendo os mais famosos nas regiões onde hoje se encontra a Sibéria e a Ucrânia. Stalin mandava esses prisioneiros para serem “reeducados” e novamente “dignos” de pertencerem a “Pátria Mãe”, mas, obviamente, a maioria acabava morrendo nas condições de fome e frio extremo (TISMANEANU, 2017).

Com o fim da Segunda Guerra Mundial em 1945, os campos de concentração nazistas foram extintos, e seus sobreviventes, soltos. No entanto, os gulags soviéticos duraram mais 15 anos, acabando apenas em 1960, 7 anos após a morte de Stalin. Inúmeras vidas foram perdidas durante este processo, e infelizmente, é algo que acontece com recorrência até os dias atuais na Coreia do Norte, considerada um dos últimos Estados comunistas. Curiosamente, são inspirados nos gulags soviéticos, sendo inclusive muitas vezes chamados por esse mesmo nome (TISMANEANU, 2017).

#### **4. O PAPEL DAS MASSAS PARA O SURGIMENTO DO TOTALITARISMO EM PLENO SÉCULO XX**

Existe uma vasta literatura sobre o fenômeno do totalitarismo nas principais línguas ocidentais, e principalmente como as massas tiveram influência direta nisso. Doravante, podemos dizer que o presente trabalho consiste nas ideias da pensadora alemã Hannah Arendt, partindo principalmente de sua obra mais conhecida e aclamada: *Origens do*

Totalitarismo (2012).

Hannah Arendt (2012) não se enquadra em nenhum sistema filosófico oficial do século XX, porém, segue teses eminentemente aristotélicas, agostinianas, fenomenológicas e as teses de seu mestre Martin Heidegger. O que está no fundo das preocupações de Hannah Arendt não é a compreensão abstrata do fenômeno totalitário, mas, a dinâmica política dessa nova forma de poder, pois seu pensamento é essencialmente político e não filosófico ou histórico.

Analisa-se o fenômeno do totalitarismo no século XX em suas duas formas principais: nazismo e socialismo, tornando assim possível a clareza de algumas conclusões: O totalitarismo controla absolutamente todos os aspectos da vida de um povo; o econômico, político e o social. O termo é usado em referência aos sistemas ditatoriais no período das duas guerras: nazismo, fascismo e socialismo que na época da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) ficou conhecido como “stalinismo” (ARENDR, 2012).

O século XX representa o máximo do Estado que nasceu na modernidade, surgida e desenvolvida na Europa herdeira dos ideais da Revolução Francesa e do Iluminismo, e ele só foi possível com o surgimento das massas no pós Revolução Industrial, e a democracia com o sufrágio universal, assumindo posteriormente várias formas, entre elas, aquela totalitária, pois, este século, além de ser a era dos direitos, é também a era do totalitarismo como forma de governo.

No regime totalitário existe a ausência de pluralismo com a presença de um único partido de massa (elemento sem ao qual o totalitarismo não existe), com um forte militarismo (polícia política). Além disso, existe também o culto ao líder carismático (WEBER, 1991) e a propaganda em cima deste líder, mencionando, claro, a relação do poder que se instaura entre o líder e o partido único, no qual o líder é o comandante supremo, sendo também aquele ao qual é inaceitável se opor.

Um dos principais fatores que fez com o que o totalitarismo no século XX fosse possível foi o surgimento das massas. Ocorre no final do século XIX e nas três primeiras décadas do século XX. Duas coisas se encontram na base do conceito de massas: a Revolução Industrial com trabalhadores assalariados e o sufrágio universal, pois isso faz com que exijá-se o surgimento de uma figura essencial: o profissional da política, ou o político como profissão (ARENDR, 2012).

Esse político como profissão se vê na obrigatoriedade de dar uma explicação as massas, uma visão de mundo; visão essa que é única, absoluta e intransferível, sendo ela abraçada e aclamada pelo povo (as massas) e fazendo com que a tradição europeia vá

desaparecendo pouco a pouco, desapegando-se do passado e de valores como religião e família e fazendo com que essa massa precise de um valor para viver, mas um valor que agora é considerado um valor para todos, mas não um valor transcendente, e sim imanente.

Essa massa será objeto de política e como o Estado Liberal vai permitindo aos poucos o sufrágio universal, uma ideologia vai se construindo necessária para guiar essas massas, tendo conseqüentemente alguém que possua a vocação e profissão ao mesmo tempo, a política. Esse conceito foi uma pré-condição para o surgimento do totalitarismo, pois a massa precisa ser satisfeita não só economicamente, como também emocionalmente, agora que ela se interessa em ter um representante que abarca a sociedade como um todo (ARENDRT, 2012).

Há por vezes uma compreensão errônea do termo “massa”. Não há necessidade de esperar que apareçam os indivíduos em aglomeração, podendo ser um fator também psicológico. Diante de uma só pessoa pode-se saber se é massa ou não. Massa é todo aquele que se sente “como todo mundo”, e, entretanto, não se angustia, sente-se à vontade ao sentir-se idêntico aos demais, tanto para o bem quanto para o mal (GASSET, 2019).

Há dificuldades que mostram a função de um líder totalitário, e essas dificuldades soam mais como “tarefas”, sendo essas tarefas de essencial importância para que o movimento predomine e não caia por terra. Eles devem estabelecer aquele mundo fictício do movimento como realidade operante da vida de cada dia, ao passo que, também têm que evitar que esse novo mundo adquira uma chamada “estabilidade”, pois é justamente essa estabilidade que colocaria suas leis e instituições nos eixos, liquidando assim o próprio movimento e culminando no fim da futura esperança de conquista do mundo, conquista essa que é o desejo de qualquer Estado totalitário (ARENDRT, 2012).

De acordo com Hannah Arendt (2012), um dos pontos que mais chama a atenção em um Estado totalitário, é o fato de que este não possui uma estrutura monolítica, sendo na verdade, o oposto, pois muitos estudiosos da área concordam que há uma coexistência ou conflito de uma dupla autoridade, sendo elas o partido e o Estado, e que até mesmo um perito enlouqueceria se tivesse que destrinchar as relações entre o partido e o Estado durante o Terceiro Reich.

Um termo muito usado por Hannah Arendt em sua obra é o de “amorfa”. Para a autora, essa era a melhor definição possível para se referir a um Estado totalitário. Por visar a abolição total da liberdade, não havia princípios de hierarquia, afinal, o líder é sempre soberano, não permitindo níveis intermediários, ou seja, o líder de um Estado totalitário tem a certeza de que há não apenas um absoluto monopólio de poder, como também a plena

convicção de que todas as suas ordens serão seguidas à risca.

A tônica dos regimes totalitários está na árdua luta pelo domínio total de toda a população da Terra e também da eliminação de toda realidade rival não totalitária que, a priori, serviria apenas para atrasar os planos do partido. Segundo Hannah Arendt (2012, p. 531):

Se não lutarem pelo domínio global como objetivo último, correm o sério risco de perder todo o poder que porventura tenham conquistado. Nem mesmo um homem sozinho pode ser dominado de forma absoluta e segura a não ser em condições de totalitarismo global.

A abolição da liberdade é o que o domínio totalitário visa. Seu desejo é acabar por completo com a espontaneidade humana. A ausência de autoridade fica explicitada pelo fato de que entre o supremo poder (Hitler na Alemanha e Stalin na União Soviética) e os governos, não existem níveis intermediários definidos. O desejo dos líderes é soberano e pode encarnar-se a qualquer momento, sem que os mesmos estejam ligados a quaisquer hierarquias (ARENDR, 2012).

## **5. AS SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE O NAZISMO E O SOCIALISMO**

É bastante comum nos dias atuais pessoas ostentando camisetas com a estampa de Che Guevara, com o martelo e a foice (símbolo clássico do socialismo/comunismo), mas, vez ou outra quando surge na mídia alguém com uma suástica (símbolo clássico do nazismo), ou com uma camiseta com o retrato de Hitler estampado, além de quaisquer outras manifestações do tipo, imediatamente esta pessoa vira manchete, sendo repreendida por uma ávida multidão, recebendo um tratamento muito diferente do indivíduo do primeiro exemplo.

Para que se compreenda melhor as semelhanças e diferenças entre nazismo e socialismo, antes é necessário também entender as correntes que tornaram ambos possíveis: a dialética de Hegel. No sistema hegeliano, a realidade é vista como um processo, uma substância única, e esse tal processo é a realização do espírito absoluto (por vezes chamado de ideia, razão).

Hegel traz o conceito de identidade e da dimensão ontológica com a lógica, o que significa que a dimensão da realidade se alinha com o pensamento, identificando-se entre si: tudo que é real é racional e tudo que é racional é real. Essa tese remete a Espinoza, Parmênides e também a alguns outros pensadores gregos defensores do panteísmo ou do panlogismo, como certos estoicos (HEGEL, 2014).

Dito isso, o que irá diferenciar os conceitos ou ideologias de direita e esquerda, não será o princípio, mas a interpretação desse princípio, afinal, ele será sempre o mesmo: o espírito, tanto de um lado, quanto do outro. O que cada uma das visões entenderá por “espírito” se torna irrelevante, pois o modo de realizá-los se assemelharão em quase tudo: partido único e sem espaço para oposição, líder carismático, propaganda exacerbada, consentimento das massas, campos de eliminação ou de reeducação perenes, polícia política, suspeita contínua de contaminação doutrinária, a realização de um plano inexorável e identificação entre público e privado.

A direita hegeliana assume a tese de que tudo que é real é racional, ou seja, a realidade incluindo a história social está justificada, pois, tudo aquilo que aconteceu, acontece ou acontecerá está conforme uma coerência lógica absoluta, portanto, não há necessidade de modificações (surge aí a concepção reacionária de direita). Dessa forma, se apoiando na religião, racionais são reacionários e conformistas. Os nazistas, portanto, vieram da direita hegeliana (MISES, 2017).

Já a esquerda, por sua vez assume a tese de que tudo que é racional é real, ou seja, sustenta que o que está elaborado segundo uma visão ampla, portanto, lógica, pode ser colocada em prática na sociedade. Nesse caso, a revolução que modifica a realidade social é coerente, e tudo se justifica nesse processo de modificação. Karl Marx foi o mais importante dos hegelianos de esquerda (MISES, 2017).

Sendo assim, direita e esquerda se assemelham em diversos aspectos, pois ambos partem do mesmo princípio: o espírito absoluto enquanto se realiza na história e no Estado, e o modus operandi tem as mesmas características: aquelas já vistas e bastante conhecidas do totalitarismo (HEGEL, 2014).

O grande diferencial que o nazismo traz e que o socialismo e o comunismo não têm por si só, é a questão do racismo, tanto que, àquele que for autuado por manifestações nazistas no Brasil, responderá pelo crime de injúria racial (Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989). Todos podem ser totalitários dentro dos conceitos hegelianos, porém, o nazismo carrega consigo o status de pior, por ter como sua principal característica a eliminação sistemática de povos pelo conceito de raça, ao passo que, o comunismo traz consigo o conceito de sociedade sem classes, que por sua vez, pressupõe uma ideia utópica de sociedade mais justa e igualitária.

Há acima uma correlação entre pessoas que defendem o socialismo/comunismo (na maioria das vezes sem nem fazer ideia o que representa o movimento), e há também explicitado uma denúncia grave da falência ética e moral de alguns indivíduos. É claro que

existem pessoas que têm uma noção clara e objetiva daquilo que batem no peito para defender com tanto entusiasmo, mas, por outro lado, há também uma juventude ignorante e quase analfabeta (historicamente falando) que não fazem ideia dos horrores praticados pela URSS durante toda sua era de terror na Europa, e também de outros totalitarismos.

Quando surgem argumentos de comparação entre nazismo e socialismo, entende-se a capacidade de citar as diferenças entre a direita e a esquerda hegeliana, correntes essas que foram instauradas por David Strauss, uma vez que os discípulos de Hegel se dividiram logo após sua morte em 1831. A direita colocava Hegel em defesa da política prussiana e da religião, enquanto a esquerda, não (REALE e ANTISERI, 2005).

De início, percebe-se muitas controvérsias entre os regimes, mas, de acordo com Tismaneanu (2017, p. 33): “o comunismo e o fascismo compartilhavam uma obsessão similar com a movimentação contínua para frente a fim de evitar o espectro extremamente adverso da estagnação”. Tal definição se percebe lógica na medida em que se aprofunda nas ideias e desejos desses totalitarismos, afinal, nazismo e comunismo tinham como finalidade a extinção do indivíduo, ainda que de maneira indireta (TISMANEANU, 2017).

A título de comparação, nazismo e socialismo se encontram em dois polos distintos que, apesar de serem diferentes em seus finais, aproximam-se em sua essência. Ambos carregam consigo o viés totalitário e absoluto ao qual cabe apenas ao Estado o domínio sobre as massas que, segundo Hannah Arendt (2012, p. 438-439):

O termo massa só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a uma mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores.

E pode-se afirmar que tais semelhanças não são nada acidentais, e sim naturais. Uma das razões que leva à comparação entre nazismo e socialismo é que seus dois líderes totalitários da época, Hitler e Stalin, haviam antes sido membros de organizações secretas. Hitler prestava serviços à sociedade secreta do Reichswehr e Stalin na conspiração do partido bolchevista. Há, ainda, uma ironia nisso tudo, pois os totalitarismos também haveriam de exterminar as sociedades secretas, e, tendo seus líderes feito parte de tais sociedades antes de se tornarem de fato líderes mostra que esses homens tinham mesmo muito a esconder, tal como esconderam das massas (ARENDR, 2012).

Uma das razões que leva historiadores e filósofos relatarem em comparar ambos os regimes é o receio de estar, ainda que sem a intenção, diminuindo os horrores ocorridos no holocausto durante a Segunda Grande Guerra. No entanto, é sabido que ambos odiavam e visavam destruir o status quo, ou seja, a ordem burguesa e seus valores consagrados, além de,



claro, também tecerem críticas carregadas de rancor e desejo de extermínio a democracia liberal, ou seja, ambos miravam um futuro promissor, e para isso apagariam o passado por completo (TISMANEANU, 2017).

Um outro argumento de comparação comumente usado é que a comparação ajuda na compreensão tanto para as similaridades quanto para as diferenças. De acordo com Michael Scammell (1999) “não podemos escolher entre nossa memória de Auschwitz e nossa memória do Gulag, porque a história nos encarregou de nos lembrarmos de ambos” (*sic*) (*apud* TISMANEANU, 2017, p. 79) e isso é o que torna o trabalho tão fascinante, pois as duas faces desses regimes demoníacos estão impregnadas em nossa história para todo o sempre.

Enquanto os comunistas enxergavam a propriedade privada, a burguesia, os sacerdotes e os culaques como “os demônios”, para os nazistas, esses “demônios” eram representados pelo povo judeu, e, claro, também pelo marxismo, ao qual Hitler, apesar de ter bebido em sua fonte, o desprezava profundamente. Segundo o filósofo polonês Leszek Kolakowski (1990, p. 189): “O diabo [...] inventou estados ideológicos, ou seja, estados cuja legitimidade é fundada no fato de seus proprietários serem proprietários da verdade. Se te opões a tal estado ou a seu sistema, és um inimigo da verdade”.

A forma como o ocidente foi tomado por essas ideologias revela sistematicamente um novo modo de enxergar as coisas, afinal, de acordo com Eric Hobsbawn (1995, p. 186): “Como a influência de Lenin trouxe o marxismo de volta ao mundo ocidental, também assegurou a conversão das vanguardas ao que os nacional-socialistas, não incorretamente, chamavam de “bolchevismo cultural” (Kulturbolschewismus)”.

O comunismo tinha, e tem até hoje uma forma muito peculiar de se portar; posa como herdeiro do Iluminismo, logo, consegue enganar a muitos com essa ideia falsa e utópica de humanista e racionalista. Basicamente, na visão de Tismaneanu (2017, p. 87): “nem todos aqueles que resistiram a Hitler eram amigos da democracia, e nem todos aqueles que se rebelaram contra Lenin, Stalin, Mao ou Castro eram liberais bona fide”. O referido autor ainda salienta que o tumulto que o Livro Negro do Comunismo causou, serviu para que aqueles que insistissem em defender o regime, percebessem que estavam pisando na memória de centenas de pessoas.

Uma moeda sempre tem dois lados, e da mesma forma que existem ignorantes defensores de ditaduras, também há pessoas que defendem tais sistemas por realmente acreditarem que o Estado como detentor absoluto de tudo é a melhor forma de alcançar plenitude em suas nações. No entanto, é muito mais comum demonizarem o nazismo por causa de sua carga racista e antisemita do que o socialismo, que na teoria se mostra um

sistema justo, igualitário e até mesmo ideal (para quem vê de fora, claro), onde, no entanto, na prática, o histórico recente revela que é só mais um sistema genocida e sanguinário que visa escravizar seu povo, exaltar seu líder, ou seja, um regime tão perverso quanto o nazismo.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude dos fatos mencionados, conclui-se que ainda que Monark tenha pedido desculpas, rendendo-se a uma fervorosa multidão ávida por sangue, ele ficará marcado na história como o homem que “defendeu o nazismo”, e isso se dá pelo fato de as pessoas não estarem preocupadas com a verdade, mas sim com a narrativa que é imposta. O que vende é taxá-lo como algo polêmico, algo que gere cliques e que enfraqueça um lado em detrimento de outro. Monark diversas vezes deixou claro seu posicionamento liberal, logo, mais à direita, o que irrita progressistas que se encontram mais à esquerda. Acabar com a carreira de alguém com público e alcance relevantes pode ser sim uma boa estratégia, ainda mais em ano eleitoral como é esse.

Ninguém tem a menor dúvida que a forma utilizada por Monark para expressar uma injustiça por ele identificada, foi errônea e irresponsável, no entanto, com os acontecimentos, e sobretudo com a repercussão que o caso teve, se torna nítido que muitas vezes (quase sempre), o problema não está no que se fala, e sim em quem fala. Este mesmo discurso na boca de alguém que reza a cartilha ideológica daqueles que queriam ver Monark queimar teria pouco ou quase nada de efeito. Encontrariam uma forma de minimizar o ocorrido com panos quentes a fim de proteger tal indivíduo.

No referente trabalho, as diferenças entre nazismo e socialismo se mostram bastante claras, desde seu berço filosófico até os dias atuais, onde dizer que um jovem youtuber é nazista apenas por uma fala mal elaborada. São tempos obscuros, onde banaliza-se cada vez mais a expressão “nazista”. Durante a Segunda Grande Guerra, para ser considerado um nazista o indivíduo deveria estar a serviço do próprio Hitler em pessoa, servir ao Estado de toda a sua alma, matar e morrer pelo partido. Hoje em dia, basta não concordar com algo que o outro extremo oposto julga ser o “ideal”.

Percebe-se então a importância de um trabalho como esse para evidenciar o quanto nossa sociedade atual é capaz de promover um linchamento quase que instantâneo de alguém,

deixando cada vez mais óbvio que a liberdade de expressão alheia vem sendo tomada aos poucos sem que isso se torne alarmante. A referência ao termo “liberdade de expressão” aqui não se dá para que o indivíduo sempre fale aquilo que lhe vier à cabeça, e sim sobre como ocorre a reação da sociedade diante de uma fala mal formulada por alguém com pouca instrução. Taxar alguém de algo tão abominável como o nazismo sem permitir que a pessoa ao menos possa se defender dignamente passa longe de ser o caminho mais eficaz para uma sociedade justa, onde todos podem sim errar, mas, sobretudo, admitirem seus erros e buscarem melhorar.

No âmbito das Relações Internacionais, o debate entre totalitarismos é antigo e perdurará por muito mais tempo. Muito se lê e se ouve sobre o nazismo ser de direita ou esquerda, o comunismo ter matado mais ao longo da história do que o próprio nazismo, mas a grande preocupação aqui consiste em mostrar que eles são muito mais parecidos do que diferentes. Suas correntes filosóficas históricas partem de uma mesma premissa, logo, não há como condenar um e idolatrar o outro, embora tenha ficado claro que quem tente colocar os dois regimes em pé de igualdade sofrerá com represálias de um lado que, apesar de não querer parecer totalitário, age exatamente como um líder de um desses movimentos agiria: com autoridade, soberba e apontando o dedo e condenando.

## 7. REFERÊNCIAS

ARENDRT, Hannah. **Origens do Totalitarismo** - Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

Cf. KOLAKOWSKI, Leszek. **Modernity on Endless Trial**. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

CORREIO BRAZILIENSE. **Entenda o caso de apologia ao nazismo iniciado pelo youtuber Monark**. Publicado em 09/02/2022. Disponível em: <<https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/02/4983875-entenda-o-caso-de-apologia-ao-nazismo-iniciado-pelo-youtuber-monark.html>> Acesso em: 27/04/2022 às 23:56.

EVANS, Richard J. **A Chegada do Terceiro Reich**. 3 ed. São Paulo: Planeta, 2016.

EXAME. **PGR abre investigação contra Monark e Kim Kataguirí por fala sobre nazismo**. Publicado em 09/02/2022. Disponível em: <<https://exame.com/brasil/pgr-abre-investigacao-contr-monark-e-kim-kataguiri-por-fala-sobre-nazismo/>> Acesso em: 27/04/2022 às 21:34.

GASSET, José Ortega y. **A Rebelião das Massas**. 4 ed. Martins Fontes – Selo Martins, 2019.

**G1. Monark pede desculpa e diz que estava bêbado quando defendeu existência de partido nazista.** Publicado em 08/02/2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2022/02/08/monark-perde-patrocínios-pede-desculpas-e-diz-que-estava-bebado-quando-defendeu-existência-de-partido-nazista.ghtml>> Acesso em 16/02/2022 às 11:16.

**G1. Entidades judaicas criticam Monark após influencer defender existência de partido nazista.** Publicado em 08/02/2022. Disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2022/02/08/entidades-judaicas-criticam-monark-apos-influencer-defender-existência-de-partido-nazista.ghtml>> Acesso em 16/02/2022 às 11:48.

HEGEL, Friederich. **Fenomenologia do Espírito**. 9 ed. Editora Vozes, 2014.

HOBSBAWN, Eric. **A Era dos Extremos – O Breve Século XX: 1914 - 1991**. 2 ed. Companhia das Letras, 1995.

MARX, Karl. **O Capital – Livro I: Crítica da Economia Política. O Processo de Produção do Capital**. 2 ed. Boitempo, 2011.

MARX, K; ENGELS, F. – **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Martin Claret, 2014.

MISES, Ludwig V. **O Livre Mercado e Seus Inimigos**. 1 ed. Vide Editorial, 2017.

PLATÃO. **A República**. Tradução: Ciro Mioranza. São Paulo: Lafonte, 2017.

PETERSON, Jordan. **12 Regras Para a Vida – Um Antídoto Para o Caos**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2018.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia - Do Romantismo ao Empiriocriticismo**. V. 5. São Paulo: Paulus, 2005.

TECMUNDO. **YouTube proíbe Monark de criar outro canal após falas sobre nazismo**. Publicado em 18/02/2022. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/internet/234057-youtube-proibe-monark-criar-novo-canal-falas-nazismo.htm>> Acesso em 27/04/2022 às 23:32.

TISMANEANU, Vladimir. **O Diabo na História**. 1 ed. Tradução de Elpídio Fonseca. Campinas: Vide Editorial, 2017.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. V. I. Brasília: Editora UnB, 1991.